



Notas introdutórias sobre a produção do espaço urbano¹

Introductory notes on the production of urban space

1. Lucas Alves Pereira  <https://orcid.org/0000-0002-4499-5463>

1. Universidade Federal da Grande Dourados  Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

Autor de correspondência: lucas.pereira028@academico.ufgd.edu.br

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo discutir acerca da produção do espaço urbano, perpassando inicialmente a um breve debate sobre espaço, se aprofundando em produção e por fim, sua conceitualização no urbano, se subdividindo assim em duas subseções. O texto apresenta relevância ao oferecer suporte teórico e conceitual para a compreensão do espaço urbano, principalmente para aqueles que se encontram em fases iniciais de estudos e pesquisas no tema. O método utilizado para a construção do ensaio é essencialmente a pesquisa bibliográfica, realizada por meio de periódicos e livros através autores que já debatem o espaço geográfico e também sobre a produção do espaço urbano. Compreender estes temas nos dá ferramentas teórico-analíticas indispensáveis de um processo intrinsecamente sócio-histórico-político-econômico, marcado pela lógica do modo de produção capitalista. Tal lógica, em que é alimentada por interesses de múltiplos agentes sociais para a busca máxima de lucros, engendram dinâmicas socioespaciais únicas que impactam no plano da vida cotidiana.

Palavras-chave: Produção do espaço; Produção do espaço urbano; Geografia Urbana.

ABSTRACT

This essay aims to discuss the production of urban space, initially going through a brief debate about space, delving deeper into production and finally, its conceptualization in the urban, thus subdividing into two subsections. The text is relevant in offering theoretical and conceptual support for understanding urban space, especially for those who are in the initial stages of studies and research on the topic. The method used to construct the essay is essentially bibliographical research, carried out through periodicals and books by authors who already debate geographic space and also the production of urban space. Understanding these themes gives us indispensable theoretical-analytical tools for an intrinsically socio-historical-political-economic process, marked by the logic of the capitalist mode of production. Such logic, which is fueled by the interests of multiple social agents in the search for maximum profits, engenders unique socio-spatial dynamics that impact everyday life.

Keywords: Space production; Production of urban space; Urban Geography.

Introdução

¹ Ensaio científico proveniente de reflexões da dissertação de mestrado.

Pesquisar as cidades e apreender suas nuances e seus desdobramentos exige compreender dinâmicas que se inscrevem no espaço urbano. Para a Geografia e para outras ciências que também se dedicam ao urbano, pensar o espaço implica examinar sua produção e reconhecer que também participamos dela. Somos, por excelência, seres produtores do espaço.

Em razão de sua natureza social, a humanidade organizou-se ao longo de milênios e transformou continuamente o espaço, conferindo-lhe caráter geográfico. Esse processo histórico conduziu a formas cada vez mais complexas de organização espacial — ou para alguns geógrafos: a produção em si — até que a urbanização se tornasse uma realidade (Santos, 2002). Das primeiras organizações humanas às cidades contemporâneas, permanece um traço comum: todas resultam de processos de se produzir o espaço.

Em diálogo com autores como Harvey (1980; 2005), Carlos (1989; 1994; 2012; 2015; 2017), Lefebvre (2001; 2006), Gottdiener (1993) e Corrêa (1993; 1995; 2003; 2012) e etc., este ensaio assume caráter próximo ao de um verbete introdutório. Seu propósito é estimular a problematização da produção do espaço urbano — tema recorrente nos estudos urbanos — ao evidenciar que, por trás de edifícios, ruas e instituições, ou qualquer forma espacial, existem contradições que geram disputas do e no espaço. Essas disputas decorrem de decisões vinculadas ao modo de produção e se manifestam na reprodução da vida cotidiana, revelando particularidades locais, mas também sua ligação com o todo.

A discussão desenvolvida neste ensaio resulta de pesquisa bibliográfica em periódicos e livros de autores que investigam a epistemologia do espaço geográfico e sua produção. O texto está organizado em duas subseções: “Apontamentos sobre a produção do espaço” e “No âmbito do urbano”. Ao final, as considerações finais retomam as principais relações entre produção, espaço e urbanização.

Apontamentos sobre a produção do espaço

No contexto posterior à Segunda Guerra Mundial, a abordagem marxista na Geografia passou a ser mobilizada pelos pesquisadores para explicar processos de desigualdade social (Sposito, [199-?]). Nessa nova leitura, destaca-se também outra forma

de compreender o espaço geográfico, sobretudo nos estudos urbanos que partem da análise dos atores sociais responsáveis por sua produção, com o propósito de desenvolver uma “crítica social (anticapitalista e de oposição ao Estado capitalista)” (Souza, 2007, p. 104).

Harvey (1980) pensa que há diversas maneiras de pensar o espaço para compreender processos espaciais, de modo que uma dessas formas é a compreensão dos objetos, entendendo seu cerne e suas causas no espaço. Causas pela ação humana, através de sua atividade nele, produzindo o espaço. Que, por sua vez, está atrelada ao trabalho, na transformação de algo natural em algo construído, feito, confeccionado que será usado pelo próprio homem (Carlos, 1994), e que o manterá como espécie que (re)produz a sua própria existência.

Essa existência está associada à capacidade de apreensão da materialidade por meio da consciência inerente ao indivíduo (Reis; Silva, 2021), em um sentido que se configura como estratégia de sobrevivência da própria espécie humana e que se reproduz através das gerações pela transmissão do conhecimento (Carlos, 2017).

Segundo Gomes (1991), a espécie humana distingue-se de outros animais por sua capacidade de produzir objetos. Essa produção material, contudo, é inseparável da produção imaterial que se realiza e adquire expressão no plano concreto. Dela fazem parte as representações, as simbologias, a linguagem, as ideias, as ideologias, as verdades, os erros e as ilusões provenientes da sociabilidade (Lefebvre, 2001).

Lefebvre (2001) argumenta que as condições materiais possibilitam o desenvolvimento espiritual do ser humano, pois as dimensões emocional e afetiva participam da produção da arte, da ética e da estética. Ao satisfazer necessidades humanas, a materialidade também cria as condições para que a consciência medie as relações entre o imaterial e o material em uma realidade já existente. Nesse processo, o trabalho ocupa posição central: transforma a materialidade e faz do espaço uma condição para a realização da produção.

Em resumo, Carlos (2012, p. 63) expõe que

[...] o espaço como produção emerge da história da relação do homem com a natureza, processo no qual o homem se produz como ser genérico numa natureza apropriada e que é condição de sua produção. Nesse processo, a natureza vai assumindo inicialmente a condição da realização da vida no planeta, meio através do qual o trabalho se realiza, até assumir a condição de criação humana – como resultado da atividade que mantem os homens vivos e se reproduzindo – no movimento do processo de humanização da humanidade.

Portanto, “um [...] espaço contém objetos muito diversos, naturais e sociais, redes e filões, veículos de trocas materiais e de informação. Ele não se reduz nem aos objetos que ele contém, nem à sua soma. Esses ‘objetos’ não são apenas coisas, mas relações. Como objetos, eles possuem particularidades conhecíveis, contornos e formas. O trabalho [...] os transforma; [...]” (Lefebvre, 2006, p. 118).

Sob esse prisma, o espaço deve ser compreendido como **produto**. Para Lefebvre (2006), ele resulta de um conjunto de relações e, ao mesmo tempo, atua como **produtor**, não se reduzindo simplesmente a coisa ou objeto, conforme pontua acima. Essa dupla condição manifesta-se na “organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e energia, redes de repartição de produtos” (Lefebvre, 2006, p. 7)

Logo, o espaço estabelece uma relação pelo par **produto** e **produtor**: integra os meios e as forças de produção e, por isso, também se torna propriedade, atribuindo o lugar de cada um por meio das parcelas no espaço e pelo modo como cada indivíduo se insere no processo produtivo. Técnicas, trabalho, conhecimento, saber, natureza, Estado e superestruturas articulam-se nesse processo, do qual o espaço é simultaneamente, também, **condição** e **resultado**.

Em outra obra, Lefebvre (2001), apoiado nos estudos de Marx e Engels, compreende a produção em sentido ampliado e identifica nela duas acepções. De um lado, refere-se “à arte, à ciência, às instituições, ao próprio Estado, assim como às atividades geralmente designadas ‘práticas’” (Lefebvre, 2001, p. 46). De outro, diz respeito àquilo que se entende como “a acepção estrita, precisa, embora reduzida e redutora, herdada dos economistas (Adam Smith, Ricardo), mas modificada pela contribuição de uma concepção global, a história” (Lefebvre, 2001, p. 46).

Ainda na primeira concepção proposta por Lefebvre, Godoy (2004) observa que Marx e Engels concebem a produção como um fenômeno social sustentado por ideias e coisas que constituem a sociedade e o espaço como produtos das relações sociais, em uma dinâmica na qual um “‘efeito’ [...] se transforma em ‘causa’, ou, um **resultado** [...] se transforma em **processo**” (Godoy, 2004, p. 31, grifo nosso). A segunda concepção refere-se à produção de bens e produtos. Apesar das distinções, ambas as definições são complementares, uma vez que a segunda gera novas necessidades presentes na primeira.

Carlos (1994) alerta que, embora o espaço seja produzido pela sociedade e o trabalho constitua uma atividade mediadora em sua produção, o espaço não é mero palco nem receptáculo dessas ações. Daí decorre uma contradição: o espaço não é consequência da produção humana apenas porque é habitado, mas porque é fruto, condição de existência e elemento da produção da vida humana.

Nos estudos espaciais que tratam da produção no urbano, tema aprofundado na próxima subseção, muitos pesquisadores se orientam pelos moldes da produção capitalista — e com razão —, pois estamos essencialmente inseridos nela. A produção do espaço, ou melhor, sua reprodução, constitui um propulsor da acumulação no sistema capitalista, uma vez que “o modo de produção [capitalista] projeta essas relações no terreno [espaço], o qual reage sobre elas” (Lefebvre, 2006, p. 13). Portanto, “[o] entender [...] exige que compreendamos como é produzido o espaço como abstração concreta multifacetada” (Gottdiener, 1993, p. 132), isto é, em diferentes perspectivas sobre o espaço produzido.

Assim, para apreender o espaço produzido, “é necessário de início dissipar as ideologias que mascaram o uso das forças produtivas no seio dos modos de produção em geral e, em particular, do modo de produção existente” (Lefebvre, 2006, p. 135). Somente dessa forma podemos apreender a realidade urbana, em uma perspectiva que, para Gottdiener (1993, p. 95),

O capitalismo depende, primeiramente, da concentração e, depois, da circulação deste subproduto. A cidade é produzida pela padronização espacial desses processos, e o papel que a forma urbana desempenha neles se deve a possibilidades sociais, econômicas, tecnológicas e

institucionais que regem a disposição da mais-valia concentrada dentro dela.

Apesar disso, pela visão de Gomes (1991), o modo de produção capitalista é apenas um dos modos de produção que a humanidade experimentou e superou como primitivismo, o escravismo, o feudalismo etc., o que corrobora o ponto de que a produção é inerente ao ser humano, intimamente ligado e parte dele (Carlos, 1994). Assim, nas palavras de Carlos (2012, p. 63),

A produção do espaço [...] é anterior ao capitalismo e se perde numa história de longa duração iniciada quando o homem deixou de ser coletor e caçador e criou condições de, através do seu trabalho, transformar efetivamente a natureza (dominando-a) em algo que é próprio humano.

Da produção deriva a reprodução. São conceitos distintos, mas complementares. Não há o segundo sem o primeiro. O primeiro, é inicial; o segundo é acumulativo. Sob o capitalismo, a produção converte-se em reprodução à medida que o trabalho e as técnicas, realizados no espaço, conduzem à acumulação de capital. Carlos (2012), observa que aquilo que é reproduzido já foi produzido; a reprodução, contudo, assume caráter particular ao articular “circulação, distribuição, troca, consumo e seu movimento de retorno à produção de modo interligado e ampliado como um processo que se cria e se reproduz” (Carlos, 1994, p. 34). Nesse movimento, acumulam-se técnicas, conhecimentos e métodos que integram a formação e a construção histórica do ser humano (Carlos, 1989; 2012; 2017).

No momento em que a produção ou o trabalho deixam de se voltar à prática da vida e passam a ter como objetivo a acumulação, ocorre a transição do processo de produção para o de reprodução. O que era condição de perpetuação humana passa a ser instrumento da reprodução do modo de produção, na medida em que o meio de trabalho — embora socializado — se torna propriedade privada dos detentores dos meios de produção (Carlos, 1989).

Esta acumulação também resulta na manutenção de desigualdades, de mecanismos de controle, do avanço das técnicas e do conhecimento para os interesses

dentro do modo de produção, consolidando contradições espaciais. Assim, o espaço se torna um palco de disputas, onde é na vida cotidiana que se revela privilégios e exclusões.

Conforme Silva (2022), o espaço empregado pelo capitalismo e sua materialidade extrapolam as formas de necessidade individual, alcançando outros elementos derivados desse modo de produção. Assim, o capitalismo desempenha um papel central que potencializa sua própria amplificação. Carlos (1989) pontua que, na produção do espaço implicada pelo capitalismo, estão envolvidas também as relações e os comportamentos humanos. A cidade do capital, além de criar produtos, cria comportamentos associados ao consumo como modo de vida.

Em suma, para Toro (2015, p. 8), “a produção do espaço no seu sentido mais amplo compreende, então, a reprodução dos meios de produção e a reprodução das relações sociais, [...] a esfera da produção, mas também a da reprodução da vida, tomada em todas as suas dimensões”.

Embora se tenha abordado até aqui a conceituação da produção do espaço desenvolvida por outros autores, vale mencionar que esse conceito foi elaborado por Lefebvre (2006) em sua obra “A produção do espaço”. O autor parte da premissa, já mencionada, de que o espaço é um produto social, ou seja, está “atado à realidade social”, como afirma Schmid (2012, p. 91), e é “apropriado, transformado e produzido pela sociedade” (Souza, 2013, p. 22). Em síntese, Lefebvre compreende o espaço produzido a partir de quatro implicações:

Como mencionado no início desta subseção, a primeira implicação diz respeito à relação entre espaço e natureza. A natureza fornece a matéria-prima necessária ao desenvolvimento das forças produtivas e à constituição da materialidade social. Essa relação, porém, é contraditória, pois, nas palavras de Lefebvre, “a natureza [...] se transforma em ficção, em utopia negativa: ela não é mais que a matéria-prima sobre a qual operam as formas produtivas de sociedades diversas para produzir seu espaço” (Lefebvre, 2006, p. 55).

Na segunda implicação, Lefebvre sustenta que o espaço é produzido por meio das práticas espaciais. Elas modelam e transformam o espaço em recortes espaço-temporais

inscritos nos exercícios e nos ritmos da vida cotidiana. Deslocar-se para o trabalho ou para o estudo, morar e traçar percursos pela cidade são exemplos de práticas que participam dessa produção.

Na terceira implicação, o espaço se torna um produto, em conformidade ao que foi exposto – mas agora em um sentido que, complementando a ideia explorada por Carlos (1989; 1994; 2012; 2017), é o conhecimento do homem que faz a reprodução do espaço, na relação que “o interesse [a sociedade, as intenções do sistema capitalista] e o ‘objeto’ se transferem das coisas no espaço para a produção do espaço ele próprio [...]” (Lefebvre, 2006, p. 63), haja vista que “o espaço aparece enquanto condição, meio e produto da reprodução [...]” (Carlos, 2017, p. 10), sendo produção e produto elementos inerentes, inseparáveis dentro do processo produtivo (Lefebvre, 2006).

E por fim, a quarta implicação para o estudo do espaço relaciona-se à dimensão histórica, visto que a produção (ou o processo produtivo) origina um produto: um objeto geográfico, uma organização espacial, uma realidade, uma forma e uma representação (Lefebvre, 2006). A história do e no espaço determina que, na época contemporânea, as forças produtivas sejam apropriadas por uma determinada forma de produzir o espaço, portanto, “cada modo de produção tendo, por hipótese, seu espaço apropriado, um novo espaço se produz durante a transição” (Lefebvre, 2006, p. 76). Consequentemente, o espaço se relaciona com o tempo, gerando uma história imbuída de carga ideológica, normas, costumes e representações, a qual não se reduz à simples periodização do processo produtivo.

No âmbito do urbano

Para Corrêa (1995), o espaço urbano compõe-se de diferentes usos da terra justapostos entre si. Esses usos delimitam o centro da cidade, os distritos industriais, as áreas residenciais e de lazer, bem como as zonas destinadas a futuras expansões; cada parcela diferencia-se por sua forma, função e conteúdo social. No debate sobre a produção do espaço, o urbano constitui uma dimensão fundamental, pois nele se materializam bens e serviços, trabalho social, ideias, pessoas e mercadorias (Fernandes, 2017).

Gottdiener (1993) apropria-se da teoria da produção do espaço elaborada por Lefebvre para explicar a organização social do espaço. Se o espaço é essencialmente social, sua forma moderna não pode ser compreendida à parte das relações que a produzem. Com base nos estudos de Castells sobre o urbano, Gottdiener (1993, p. 121) afirma que o próprio espaço abrange “as relações sociais subjacentes em ação que o produzem”. Por isso, “o espaço ‘em si mesmo’ jamais pode servir como um ponto de partida epistemológico. O espaço não existe em ‘si mesmo’. Ele é produzido” (Schmid, 2012, p. 91). A dimensão urbana confere, assim, qualidade analítica ao espaço ao revelar as relações sociais envolvidas em sua produção – dando também, ao sentido do uso da terra, paradigma este que Gottdiener defende.

Segundo Fernandes (2017, p. 49), isso deriva da noção de que o urbano reúne tudo o que está no espaço: a “natureza, indústria, técnicas, riquezas, obras da cultura, maneiras de viver, rupturas do cotidiano [...]”. Analisar o espaço sem considerar a dimensão urbana constitui uma forma superficial de compreendê-lo, pois a cidade é “o berço da acumulação, lugar da riqueza, sujeito da história, centro do espaço histórico [...]” (Lefebvre, 2006, p. 85) e o próprio suporte das relações que reproduzem o capital.

Retomando a leitura de Gottdiener (1993), agora com base em Lefebvre, o espaço passa a ser entendido como o âmbito em que ocorrem as relações sociais. Ele não exerce apenas a função de receptáculo, mas também a de ordem social — perspectiva que contrasta com a de Carlos (1994). Para o autor, “é ao mesmo tempo um meio de produção como terra e parte das forças sociais de produção [...]. Como propriedade, as relações sociais podem ser consideradas parte das relações sociais de produção, isto é, a base econômica. Além disso, o espaço é um objeto de consumo, um instrumento político, e um elemento na luta de classes” (Gottdiener, 1993, p. 127).

Segundo Harvey (2005, p. 130), “sob o capitalismo, a fonte permanente de preocupação envolve a criação de infraestruturas sociais e físicas que sustentam a circulação do capital”. Essas infraestruturas garantem “um funcionamento adequado do sistema social organizado espacialmente” (Gottdiener, 1993, p. 95) na cidade. Assim, o sistema financeiro e jurídico, a educação, o Estado e os transportes desenvolvem-se de

modo a sustentar a acumulação de capital (Harvey, 2005). Nesse sentido, a cidade torna-se expressão privilegiada do lucro e da mais-valia (Corrêa, 2003; Carlos, 2015; Breda, 2015; Araújo, 2019).

A partir dessa perspectiva, Carlos (2015) caracteriza a produção da cidade como negócio. O espaço urbano contemporâneo encontra-se inserido na reprodução do capital e integra o próprio meio produtivo, “servindo às necessidades de acumulação, através das metamorfoses dos usos e funções dos lugares que também se reproduzem sob a lei do reproduzível, a partir de estratégias de reprodução [...]” (Carlos, 2015, p. 4). Essas estratégias realizam-se por meio da “produção, distribuição, circulação, troca e consumo de mercadorias” (Carlos, 2015, p. 4).

Essa dinâmica fragmenta o espaço urbano em parcelas definidas pelos diferentes usos da terra, conforme aponta Corrêa (1995). O resultado é “um rico mosaico urbano constituído pelo núcleo central, a zona periférica do centro, áreas industriais, sub-centros terciários, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo, como as favelas e os condomínios exclusivos, áreas de lazer e, entre outras, aquelas submetidas à especulação visando a futura expansão” (Corrêa, 1993, p. 14).

Dessa forma, o autor demonstra que a dinâmica do capital na cidade gera conflitos de classe entre os agentes produtores do espaço e origina novos padrões espaciais, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. Assim, o espaço urbano produzido resulta “da ação de agentes sociais concretos e históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre si e com outros segmentos da sociedade” (Corrêa, 2012, p. 43). Esses agentes agem “segundo uma representação, ao passo que os ‘usuários’ [do espaço] suportam o que se lhes é imposto [pelos agentes] [...]” (Lefebvre, 2006, p. 73), o que se manifesta materialmente no espaço urbano.

Esses agentes são: “a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; b) os proprietários fundiários; c) os promotores imobiliários; d) o Estado; e) os grupos sociais excluídos” (Corrêa, 1995, p. 1). Sua atuação produz objetos espaciais, como casas, estradas, ruas, edifícios, fábricas e estabelecimentos comerciais, e

também lhes atribui significados relacionados à “estética, status, etnicidade e sacralidade” (Corrêa, 2012, p. 43). Este ensaio não detalha a ação específica de cada agente, mas ressalta sua importância na produção do espaço urbano tal como o conhecemos.

Corrêa (2012) e Carlos (2015) argumentam que os processos sociais, a sociedade e a ação dos agentes produtores do espaço são indissociáveis. Portanto, se analisarmos o espaço como fundamentalmente social, a ação desses agentes incidirá sobre os processos sociais, que, por sua vez, também influenciarão os agentes, conferindo ao espaço caráter de produto.

Além dos agentes anteriormente mencionados, Corrêa (2012) identifica produtores do espaço tanto antigos quanto novos, que se encontram integrados a processos de produção do espaço urbano, como a circulação de fluxos, o consumo e a acumulação de capital. Esses processos acentuam a diferenciação espacial da sociedade e se manifestam na estratificação de classes conforme o grau de acesso ao espaço.

Assim, a produção do espaço urbano abre a possibilidade de pensarmos o espaço a partir de suas manifestações, muitas vezes amplamente conceituadas, como a segregação socioespacial, a fragmentação, a produção desigual do espaço, a autossegregação e as práticas espaciais. Essa perspectiva permite apreender os fatores de “causa” e “efeito”, além dos motivos de tais manifestações espaciais.

Considerações finais

O ensaio evidencia que a produção do espaço constitui um fenômeno social, histórico, político e econômico, atravessado por contradições, agentes e interesses diversos. Como produto social, o espaço é também condição da existência humana e se transforma continuamente por meio das relações de produção. O trabalho ocupa posição central nesse processo, desde a transformação da natureza até a criação de objetos geográficos. A produção do espaço, entretanto, não se limita à materialidade: abrange igualmente ideologias e representações elaboradas nas relações e interações sociais. No âmbito urbano, esse processo fragmenta e diferencia o espaço sob a lógica do capital,

tornando visíveis conflitos socioespaciais que se manifestam tanto em pequenas cidades quanto nas metrópoles.

A cidade é dinâmica: constitui um espaço em constante transformação, no qual as dimensões econômicas, políticas e culturais se expressam por meio dos processos espaciais e também são condicionadas por elas. Essa imbricação demonstra que compreender o espaço urbano exige ultrapassar sua materialidade e reconhecê-lo como expressão concreta das contradições e dos interesses que atravessam a sociedade.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ARAÚJO, Cristiano Cassiano de. O processo de verticalização: uma revisão bibliográfica sobre as suas origens e implicações no espaço urbano. **Revista Espaço Acadêmico**, [S. l.], n. 217, p. 68-79, 2019.

BREDA, Fausto Moura. **O espaço da produção e a produção do espaço urbano**. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 16., 2015, Belo Horizonte. Sessão temática 1: Produção e estruturação do espaço urbano e regional, 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Re(produção) do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A virada espacial. **Mercator**, Fortaleza, v. 14, n. 4, p. 7-16, 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1989.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. 2. Ed. São Paulo: FFLCH; USP, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p. 41-52.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano: notas teórico-metodológicas. **GEOSUL**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 13-18, 1993.

FERNANDES, Marcio Luis. Representações do espaço urbano. **Revista Geografias**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 46-56, 2017.

GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. **Estudos Geográficos**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 29-42, 2004.

GOMES, Horieste. **A produção do espaço geográfico no capitalismo**. Contexto, São Paulo, 1991.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000), 2006. Primeira versão: início - fev. 2006.

REIS, Aaron Sena Cerqueira. SILVA, Joilson Pereira. Um estudo acerca das percepções de jovens estudantes sobre o Brasil. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 47, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3YLvrMgYWY6QD7Rnx893ZLc/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2025.

SILVA, Augusto Marques da. **A produção de espaços para autosegregação socioespacial na aglomeração urbana de Araçatuba**. 2022. 217p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Presidente Prudente, 2022.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevoo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. **Revista Cidades**, [S. l.], v. 4, n. 6, p. 101-114, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Produção do espaço urbano**: notas para um debate. [Texto não publicado]. [S. l.: s. n.: 199-?].

Recebido: 07/03/2026 Publicado: 13/09/2026

Editor Geral: Dr. Eliseu Pereira de Brito